

REFLEXÃO

A UNIÃO FAZ A FORÇA

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

Quando o rebanho se une,
o leão vai dormir com fome.
Provérbio africano

Após um complexo 2023, além de desejar a todos um ótimo 2024, percebe-se que há um cheiro novo no ar. Essa sensação traz à lógica geopolítica algumas perguntas-chave para o ano novo:

- O hemisfério Sul mostrará ações inteligentes?
- O Norte rico dará sinais de crescimento?
- Só o Oriente tem lideranças?
- As guerras terminam ou se expandem em 2024?

O ano de 2023 seguiu os de 2020 a 2022, no desequilíbrio da pandemia, gerando déficits fiscais, inflação e juros altos, guerra fria entre os Estado Unidos e a China, guerra quente entre a Rússia e a Ucrânia e o combate de Israel ao terrorismo do Hamas. E há, ainda, o risco de expansão dessas crises.

Ao mesmo tempo, o mundo vai fragmentando-se em blocos de países, após uma longa globalização, que mostrou excelentes resultados de redução da pobreza global, mas com reações populares de insatisfação e maior concentração eleitoral nos polos da direita e da esquerda. O protecionismo ressurgiu com força em 2023 e assustou muito. Há, assim, um desencanto global na virada da "folhinha" de 2023 para 2024.

Nesse mundo conturbado, como anda o Brasil? Crescerá ele em 2024?

Ano após ano, a efetiva massa política conservadora brasileira sustenta o País sem grande crescimento ou mudança e, provavelmente, seguindo com políticas econômicas frouxas, desequilibradas... Faz mais de quarenta anos que é assim. Algumas reformas acontecem de tempos em tempos, mas sem proporcionar arranques que projetem o País. Como será em 2024?

Em um ano com eleições municipais, em que o agro sempre tem um peso relevante, 2024 poderá dar o tom do que virá a ser o Brasil entre eleições majoritárias. Entre graves invasões do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) nos diferentes estados a terras de produção e vários Ministérios com pedaços do agro, fica realmente mais difícil – do que já é – fazer previsões. Falta saber como será o clima, já que o mundo estressado e de menor crescimento vem mostrando prováveis condições de preços de *commodities* menores em relação às de 2023.

Terminamos 2023 escapando com mérito, no campo global ambiental, da armadilha do "uso da terra" na 28ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP 28/UNFCCC, nas siglas em inglês). Conseguiu-se, ademais, um posicionamento formal sobre os combustíveis fósseis.

Enquanto, no campo interno, aceleram-se os focos municipais e as eleições em 2024, trazendo disputas; no campo externo, será preciso foco, coordenação e claras ações em nome do Brasil.

"Agro e união" deveria ser o *slogan* de 2024. Está lançado!

Na COP 28, uma orquestrada frente brasileira fez um belo trabalho, e é importante que se diga: planejado e coordenado. Trata-se de um exemplo cabal de união e foco! Não há outro caminho, considerando a constante preocupação com a capacidade competitiva brasileira no agro e as narrativas depreciativas.

A Amazônia precisará de controle e ações policiais e de políticas públicas voltadas à normalização das terras produtivas, mas, até agora, sem formal propriedade. Uma oferta crescente de produção sustentável e com ações de recuperação de terras será primordial. Deixar ao Congresso o que é do Congresso (a César o que é de César) também será essencial.

É um momento de união, para o futuro dos nossos objetivos. ■

"Na COP 28, uma orquestrada frente brasileira fez um belo trabalho, e é importante que se diga: planejado e coordenado. Trata-se de um exemplo cabal de união e foco! Não há outro caminho..."